

12-2015

## Espiritanos em Angola: «A Esperança não morre...»

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

---

### Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). Espiritanos em Angola: «A Esperança não morre...». *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol25/iss25/22>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

É por isso tudo que a celebração cristã do Natal e da Encarnação é festa do Amor, com maiúscula, e festa da fraternidade universal instaurada por Jesus.

*In «Encontro» n.º 163 – dezembro 1985*

## **ESPIRITANOS EM ANGOLA «A ESPERANÇA NÃO MORRE...»**

*Conforme o nosso jornal havia anunciado já no número de Janeiro passado, os Espiritanos presentes em Angola realizaram o seu Capítulo Provincial de 9 a 19 de Fevereiro, com a presença do Superior Geral da Congregação, P. Pierre Haas.*

*Para além dos 26 delegados dos Espiritanos que exercem a sua atividade missionária em Angola, estiveram presentes, como convidados, representantes das diversas Províncias de onde são originários os Missionários que ali trabalham, incluindo o Provincial de Portugal, P. Manuel Durães.*

*O P. Manuel Gonçalves, do Conselho Geral da Congregação, que ajudou a preparar e acompanhou os trabalhos do Capítulo da Província espiritana de Angola, a que ele também já pertenceu como missionário, acedeu a escrever para os nossos leitores as suas impressões sobre o Capítulo e sobre a situação atual em Angola.*

**A.M. – Gostaríamos de lhe perguntar, em primeiro lugar, que impressão teve neste seu contacto com os missionários espiritanos presentes em Angola. Achou-os desanimados... desorientados... resignados... esperançosos?...**

– É realmente consolador verificar como os nossos missionários não perdem o ânimo, apesar das carências e dificuldades de todo o género. A alimentação, por exemplo, está presentemente muito difícil de obter. Há depois a insegurança generalizada, a opressão ideológica do ateísmo oficial, o isolamento de alguns, o excesso de trabalho... Mas os missionários assumem tudo com generosidade e alegria, até porque há compensações: o bom ambiente entre todos, amizade e recetividade do povo, esperança de que tudo um dia há-de melhorar... Não encontrei ninguém com vontade de desistir.

**A.M. – Foram tomadas algumas decisões importantes para o futuro da Província?**

– Decisões, ficaram mais para a equipa diretiva da Província. O Capítulo procurou sobretudo dar orientações. Nesse campo, há a notar sobretudo o acento posto na formação dos espiritanos angolanos, 19 neste momento, e talvez mais de 50 dentro de alguns anos. Assim, procurar-se-á abrir a uma formação internacional e alguns farão os estudos de teologia no Seminário espiritano de Brazzaville. Vai ser lançada a formação de Irmãos, pois que há candidatos. A Província montará uma estrutura de casas de Formação – um Seminário está já em construção em Malanje e é provável que outras obras se seguirão.

Quanto à Pastoral, prestou-se atenção maior à inculturação, à ajuda ao povo em sofrimento, à formação de um laicado consciente e de responsáveis leigos das comunidades.

**A.M. – Quais os problemas maiores com que se debatem atualmente os nossos missionários?**

– O problema maior é a falta de pessoal. Os espiritanos passavam de 200 antes da independência e agora são apenas 79. Temos umas 20 Missões fechadas por falta de segurança; porém, mesmo que esta existisse, não teríamos pessoal para elas. Em Luanda, por exemplo, temos uma paróquia com mais de 200 mil habitantes, assistida generosamente por um sacerdote que já não é novo e que, além disso, é professor no Seminário. Todos estão sobrecarregados de trabalho.

Depois, a insegurança, que atinge quase todo o país. Para os responsáveis dos Seminários, há imensas dores de cabeça: ameaça de os seminaristas irem todos ou quase para a tropa e a guerra, enormes dificuldades em obter comida (no Huambo, há um ano que o Estado, senhor de tudo, não distribui comida às comunidades religiosas...). Prevaecem, contudo, a serenidade e a boa disposição.

**A.M. – Esteve vários anos em Angola, tendo regressado em fins de 1983. Achou alguma diferença entre a Angola de então e a de agora? Como vive e sente o povo comum a sua situação?**

– O povo está saturado e descrente da política. Os slogans ideológicos perderam todo o impacto. O que a todos preocupa é sobreviver. Claro que a realidade angolana piorou muito de há 5 anos para cá: vêem-se

muitos mutilados de guerra (as estatísticas falam de 71 mil, na maioria jovens), a degradação das ruas, casas e serviços é notória, há carestia de tudo, a «candonga» sobe os preços de maneira incrível... O Estado vai tentar um saneamento económico-financeiro (o projecto SEF); mas muita gente duvida que algo seja possível sem resolver o problema número um do país - o cancro da guerra.

**A.M. – Como é sentida a presença da Igreja no meio do conflito?**

– Perante o conflito, os responsáveis da Igreja têm pregado a reconciliação. Numa Pastoral famosa de há 3 anos, os Bispos apelaram mesmo a Gorbachev, Reagan e outros líderes implicados que «deixem o povo de Angola viver». Mas os interesses ou fanatismo ideológico, a ambição do poder, a cobiça das riquezas de Angola continuam a dominar.

Com ajuda internacional, a Caritas, ao lado da Cruz Vermelha e em maior escala, tem socorrido com alimentação e remédios as populações mais sacrificadas. A Igreja é vista como «mãe do povo» e é muito positiva a imagem dos missionários perante toda a gente (exceptuando talvez alguns fanáticos do regime).

**A.M. – Para terminar, uma pergunta mais pessoal. Há mais de um ano que é Conselheiro Geral da Congregação, o que o leva a visitar outros Espiritanos em diversos países. Que representa esta nova experiência para si?**

– Certamente que esta experiência é muito enriquecedora. Permite-me conhecer de perto a variedade das experiências missionárias da Congregação e seus problemas. Também experimento como a solidariedade e a comunhão fraterna são um bem precioso dentro da Congregação.

A nível de Igreja e de sociedade em geral, posso estar a par de muitos acontecimentos que de outra forma só conheceria pela rama. O cargo implica sacrifícios mas acaba por ser compensador.

*In “Ação Missionária”, n.º 570 – abril de 1988*